



O grupo comunitário Formiguinha da Boa Morte mantém vivo o tchiloli em São Tomé e Príncipe. As gentes de Lajedos, em Cabo Verde, transformam excedentes da terra em bombons e doçuras. Em Bissau, Nériida agarra nos “panos de pinti” e dá-lhes um toque de design contemporâneo. Estes e outros exemplos estão na publicação “Futuros Criativos – Economia Criativa em Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe”, editada pela ACEP.

Edo excedente de beterraba nasceu o Bombom de Lajedos, na ilha de Santo Antão, em Cabo Verde. E agora não há beterraba que chegue para a procura da guloseima. Na capital da Guiné-Bissau, Nériida Fonseca transforma o “pano de pinti” em sapatos, malas e acessórios de moda. E no centro do país, em Bafatá, a Associação de Mulheres Ponta Nobo resgata técnicas tradicionais da cultura soninké. Em São Tomé e Príncipe, Elisa Barros faz pulseiras a partir de escamas de peixes. E o grupo comunitário Formiguinha da Boa Morte mantém vivo o tchiloli, forte manifestação cultural do país. Na Roça Saudade, Joaquim Victor e os seus sócios recuperaram a casa onde nasceu Almada Negreiros. E dela germinou um espaço-museu.

Nériida, Elisa, Joaquim, o grupo Formiguinha da Boa Morte, as gentes de Lajedos e de Bafatá, entre outros casos, são apontados como agentes de economia criativa na publicação “Futuros Criativos – Economia Criativa em Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe”. Editado pela Associação para a Cooperação entre os Povos (ACEP), com o apoio da Fundação Portugal-África e do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, o estudo foi apresentado há três semanas em Bissau. Segue-se, no dia 30 de Junho, São Tomé e, em Julho, é a vez de Cabo Verde.

“Falamos de três pequenos países com uma economia pouco diversificada, elevadas taxas de pobreza e de desigualdade, processos de urbanização acelerada, com fortes níveis de desemprego e desocupação, para uma população maioritariamente jovem. Pensamos que a economia criativa tem potencial para mudar este cenário, aproveitando a cultura, a criatividade e os recursos naturais para dar resposta a novos consumos e nichos de mercado”, aponta Fátima Proença, directora da ACEP.

Mas, afinal, o que é a economia criativa? Para debater o conceito, três equipas de três países reuniram-se durante três dias, no final do ano passado, no Hotel Escola de Cabo Verde, na Cidade da Praia, um espaço, ele próprio, criativo. Uma escola de hotelaria e de turismo que é também hotel e área de refeições, onde os alunos confeccionam cachupas e outras iguarias feitas de milho. Mas, afinal, o que é a economia criativa?, pergunta-se de novo. Não existe uma definição única. Existem várias e misturam-se entre elas. É um conceito dinâmico, em constante evolução, que remonta a 2001 e à proposta de John Howkins, no livro “The Creative Economy: How People Make Money from Ideas”. Neste estudo, optou-se por definir “economia criativa enquanto sector que permite o desenvolvimento de actividades económicas suportadas pelo capital cultural, criativo e artístico; transversal aos contextos culturais, sociais, económicos”, lê-se na publicação, realizada em parceria com o Atelier Mar, a Plataforma das ONG em Cabo Verde, a Federação das ONG em São Tomé e Príncipe e a Tiniguena, da Guiné-Bissau.

NA CASA DE ALMADA NEGREIROS

Na estrada que vai para Monte Café, em São Tomé e Príncipe, há uma casa encostada à povoação Saudade, onde nasceu Almada Negreiros. A moradia de dois pisos, virada para uma ribanceira de selva bruta e assente em estacas de madeira muito altas, tinha desmoronado. Joaquim Victor, guia turístico, e outros jovens da Roça Saudade pegaram nas ruínas, escavaram, desenterraram louças e histórias da vida do artista e transformaram a antiga casa do “patrão” num centro de arte e cultura. Assim nasceu a Casa-Museu Almada Negreiros, no Parque Natural de Obô, bem perto da cascata de São Nicolau e do Jardim Botânico. Uma casa que serve gastronomia local, exposições e livros de Almada. “A Casa-Museu Almada Negreiros é um empreendimento de jovens que estão implicados no desenvolvimento da sua comunidade e que também pretendem gerar rendimentos de manutenção e sustentação. É um bom exemplo das capacidades empreendedoras na nova geração escolarizada e com capacidade de iniciativa”, aponta a publicação “Futuros Criativos”.

Para o sociólogo Orlando Garcia, envolvido no estudo em São Tomé e Príncipe, “o país pode aproveitar a singularidade de ser um território ‘naturista’, com duas ilhas fantásticas, e de ser, também, um país ‘gourmet’, um país de cacau, de chocolate, de café,

de plantas endémicas únicas. Além disso, é um país pequeno, sossegado e está num sítio privilegiado de carga internet. São Tomé pode ser uma plataforma de serviços criativos direccionados à África Ocidental. Com a vantagem do ‘small is beautiful’.

O turismo criativo, responsável e sustentável parece ser central na emergência de economias criativas em São Tomé e Príncipe. Aqui e acolá aparecem iniciativas que encaixam na definição. É o caso do espaço Mucumbli, criado pelo italiano Tiziano Pisoni em Ponta Figo, empreendimento feito com ‘bungalows’, um restaurante em madeira local, com gastronomia que promove produtos da terra, e que oferece programas como observação de baleias, passeios às cascatas e visitas às roças. Tudo isto em articulação com ONG como a Marapa, conhecida pela sua luta na conservação das tartarugas marinhas. É também de esforços conjuntos que se reergueu o Jalé Ecolodge, junto ao Parque Natural Obô, espaço de ecoturismo que estimula passeios no mangal e a observação de tartarugas. A gastronomia local tem aqui destaque, com pratos preparados por cozinheiros locais e com produtos das comunidades envolventes.

Produtos da terra, panos da terra, mãos da terra, danças da terra. Assim é com o tchiloli, manifestação cultural são-tomense que está a ser preservada por vários grupos, conhecidos na ilha por ‘tragédias’, como o grupo comunitário Formiguinha da Boa Morte. ‘Um caso que está em transição para o universo das economias criativas, a passar de ‘pura’ celebração comunitária para um dispositivo de autofinanciamento e alguma profissionalização’, refere o estudo. Este grupo, fundado em 1955 no Bairro da Boa Morte, faz exposições mediante encomenda, tem um projecto para requalificar o terreiro comunitário e vai apostar em produtos de ‘merchandising’, conta Orlando Garcia. Trata-se de um projecto em parceria com a Cacau (Casa das Artes Criação Ambiente e Utopias), que é uma iniciativa do artista plástico e cozinheiro João Carlos Silva, rosto do programa de culinária ‘Na Roça com os Tachos’.

Estas e outras actividades empreendedoras funcionam como mecanismos de geração de rendimento, especialmente importantes num país dependente da ajuda externa, onde a pobreza afecta 66,2% da população e a pobreza extrema atinge 11,5%, de acordo com o Inquérito sobre o Orçamento Familiar (2010), ocupando o 143.º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano, segundo o relatório de 2015 do PNUD. ‘Embora se trate de aproximações (não rigorosas), deve destacar-se que a amostra estudada – 47 entidades – permitiu detectar um conjunto de 350 pessoas e profissionais que geram rendimentos nessas entidades, investimentos na ordem dos cinco a seis milhões de euros e movimentos anuais que andam perto dos dois milhões de euros. (...) Numa sociedade tão micro, estamos perante uma ‘frente’ criativa, uma ‘constelação’ que tem vindo a desenhar caminhos estratégicos no modelo de desenvolvimento do país’, conclui o estudo.

UM “NTURUDU” COM DEZENAS DE ETNIAS

Em Bissau, Djibril Ly transformou o negócio de uma bomba de gasolina naquela que é hoje a maior sala de espectáculos do país, o Espaço Lenox, que acolhe concertos, desfiles de moda e outros eventos. ‘O proprietário acabou por redireccionar o negócio’, conta Ilsa Sá, colaboradora da associação Tiniguena e coordenadora do estudo na Guiné-Bissau, onde foram realizadas entrevistas a 40 entidades no âmbito do projecto ‘Futuros Criativos’. ‘Para a maior parte dos inquiridos, a aposta em actividades nos sectores criativos representa uma possibilidade de geração de rendimentos e de emprego e, em alguns casos, uma estratégia de sobrevivência.’ Ou, então, estão ligadas a uma paixão pessoal.

É o caso de Nérida Fonseca, com os seus ‘panos de pinti’ (‘panu-di-pinti’), característicos das etnias papel e manjaca e



“Todas as festas são boas para nós. Agora resgatámos a romaria de nhô Manel, no Norte da Baía das Gatas, em São Vicente”, conta Maria Estrela, do Atelier Mar.



Nérida Fonseca mistura a tradição dos “panos de pinti”, característicos das etnias papel e manjaca, com design contemporâneo.

associados a rituais fúnebres e matrimoniais. São panos de cores fortes, são panos que falam, inspirados na natureza, nos animais, nos acontecimentos da comunidade. Engenheira informática apaixonada pela moda, Nérida aprendeu costura e criou a própria empresa, a Batista Fonseca, que comercializa os artigos no aeroporto de Bissau. Há brincos, carteiras, roupa. Design contemporâneo misturado com pano tradicional. ‘Os artigos espelham, de alguma maneira, a identidade do país, e são uma janela para a nossa cultura e para a nossa economia’, diz Ilsa Sá.

É também assim na Associação de Mulheres Ponta Nobo, em Bafatá, que se dedica a actividades de tinturaria e resgata técnicas tradicionais de tingimento de panos característicos da cultura soninké. As receitas das vendas destinam-se a apoiar as actividades agrícolas das associadas e a unidade de fabrico de sabão. Valoriza-se o património local. E a memória de um país.

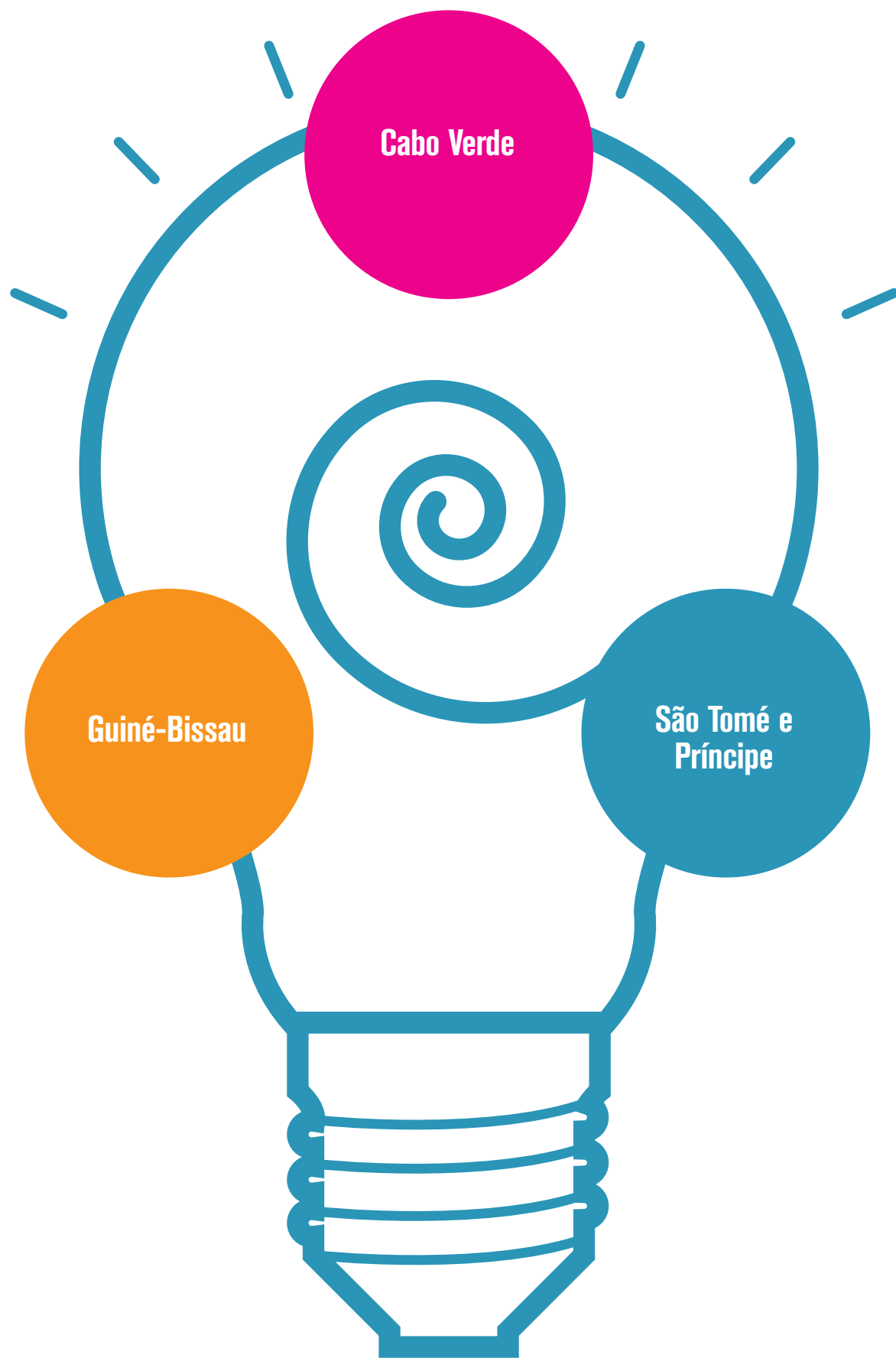
Apartilhar património estão, também, os Netos de Bandim, ‘os embaixadores da Guinendadi’, um grupo de jovens, entre os quatro e os 30 anos, do Bairro de Bandim que, através da música, dança e teatro, difundem a cultura da Guiné-Bissau. As receitas das actuações destinam-se à educação e a despesas de saúde dos associados, que são presença constante no Carnaval de Bissau, não fosse Bissau terra de ‘Nturudu’, altura em que se podem cruzar as mais de 30 etnias do país, naquela que é a sua maior manifestação cultural, com máscaras, pinturas e caricaturas a servirem de sátira à terra. ‘O Carnaval reúne a generalidade da nossa cultura, os seus diferentes grupos étnicos, os trajes, a música e até a gastronomia. Há aqui uma valorização da cultura e da própria história da Guiné-Bissau’, aponta a coordenadora do estudo. O ‘Nturudu’ é uma das actividades com maior potencial em termos de resultados económicos num país que ocupa o 178.º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano e onde, em 2010, as taxas de pobreza absoluta e de extrema pobreza se situavam em 69,3% e 33%, respectivamente.

‘Com este estudo, lançámos uma pedra’, diz Ilsa Sá. Feito o diagnóstico, são vários os desafios: capacitar os empreendedores com ferramentas de gestão, de logística e contabilidade; delinear a fronteira entre actividades formais e informais; criar pontes com outras ONG para estimular a economia criativa e, em conjunto, pressionar no sentido de uma harmonização fiscal e de maior facilidade no acesso ao crédito por parte dos pequenos empreendedores. Falamos de um país onde a taxa de bancarização da população não ultrapassa os 4% e onde o segmento das microfinanças está numa fase inicial de desenvolvimento.

Existem algumas iniciativas que tentam dar resposta a um sistema bancário exclusivo, como o ABBA, banco da solidariedade, fundado por duas mulheres, que disponibiliza três tipos de serviço: conta-corrente, conta poupança e ‘conta abota’. A recolha das poupanças é realizada pelos caixeiros móveis que andam de terra em terra. Também a ONG DIVITEC, no Sul do país, concede créditos a agrupamentos de mulheres para exercerem uma actividade económica num país onde a economia é altamente dependente do sector primário e constituída essencialmente por receitas que vêm da exportação da castanha do caju e da emissão de licenças de pesca. ‘São, porém, fundamentalmente, as dificuldades da transição do regime de partido único para a democracia (sucessivos golpes de Estado), cujas consequências se fazem sentir na actualidade, que explicam os níveis baixos dos indicadores de bem-estar económico e social’, indica o estudo.

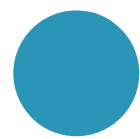
LAJEDOS E OS BOMBONS DE BETERRABA

Nas ilhas e terras de Cabo Verde, há doçuras de Santo António, bombons de Lajedo e muito mais. Aos produtos da terra junta-se criatividade. ‘O nosso mercado é pequeno, existe dificuldade em criar escala, há limitação de matérias-primas, logo



precisamos de ter uma outra atitude perante a vida: o que é que eu sou capaz de fazer com isto? Nós somos todos importantes e cada um tem o seu lugar.” Quem fala assim é Maria Estrela, ou Mami, professora na Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes na Universidade de Cabo Verde e membro da equipa que estudou a economia criativa nas ilhas de São Vicente, Santo Antão, Santiago e Fogo. No final, o grupo seleccionou 55 casos. Um dos exemplos estudados nasceu em Lajedos, Santo Antão, terra de montanhas e a “cheirar a verde”.

“A dada altura, os produtores locais foram incentivados a plantar beterraba, mas houve um embargo das importações por causa de um bichinho chamado mil pés. Como não havia centro de expurgo, tentámos perceber como é que a beterraba podia ser transformada para evitar excedente. Geralmente, os produtos são convertidos em molhos, ‘pickles’ ou doces mas, neste caso, o doce de beterraba não teve grande aceitação. Adoptou-se, então, uma consistência mais espessa, tipo brigadeiro, juntou-se-lhe amendoim, embrulhou-se em papéis de bombons, fez-se uma etiqueta própria, e agora não há



Joaquim Victor e outros jovens da Roça Saudade pegaram nas ruínas da casa onde nasceu Almada Negreiros e transformaram-na num centro de arte e cultura.

beterraba que chegue para a procura do Bombom de Lajedos”, graceja Maria Estrela.

Por trás dos bombons, está a ONG Atelier Mar, fundada pelo cineasta e artista plástico cabo-verdiano Leão Lopes, marido de Maria Estrela, em 1979. Ela juntou-se à associação um pouco mais tarde. E conta a história do espaço: no pós-independência de Cabo Verde, os jovens que viviam fora do país sentiram um apelo para a reconstrução da pátria e regressaram. Leão Lopes foi um deles. Voltou e criou, em São Vicente, o Atelier Mar, então uma cooperativa e espaço de formação que tinha como pólo principal a cerâmica. A formação absorvia muitos jovens com problemas socioeconómicos que estavam fora do ensino oficial. “E é aí que começa uma acção mais integrada do Atelier Mar – que passa a trabalhar nas comunidades de origem desses jovens”, conta Maria Estrela. Em 1987, o espaço assume-se como uma ONG na área do desenvolvimento sociocomunitário, actuando em comunidades periféricas de São Vicente e de Santo Antão. “Envolvemos as pessoas na valorização dos recursos endógenos, fazemos um acompanhamento no tempo, mas cada comunidade tem a sua autonomia”, sublinha.

E foi em Lajedos que a ONG desenvolveu um projecto-piloto com várias vertentes de economia solidária, como o turismo com base comunitária. “Para fugir ao turismo ‘all included’ e garantir que o rendimento fica dentro da comunidade, a própria comunidade organizou-se, com o apoio do Instituto Marquês de Valle Flôr. Há dez casas de famílias que recebem turistas, foi criado um restaurante, um núcleo museológico, e foram definidas rotas, tais como os caminhos da água”, conta Maria Estrela.

Num país com uma população jovem e bastante escolarizada, as actividades culturais parecem ter especial força, sobretudo as que têm por base a música. Festivais existem muitos, tais como o Mindelact e o Kriol Jazz. E, depois, há a grande festa que é a festa do Carnaval. Com os seus carros alegóricos, andores, trajes, as tradições carnavalescas mobilizam milhares de pessoas e são de uma grande importância para São Vicente. “Na verdade, todas as festas são boas para nós. Agora resgatámos a romaria de nhô Manel, no dia 17 de Junho, na comunidade do Norte da Baía das Gatas, em São Vicente. É uma festa popular em homenagem a São Manuel que deixou de ser feita há mais de 30 anos”, conta Maria Estrela.

Romarias e festas, tais como a Festa das Bandeiras da ilha do Fogo, têm forte impacto neste país, onde os empreendedores em actividades culturais podem recorrer a instituições como o Fundo Autónomo de Apoio à Cultura e o Banco da Cultura.

Segundo Maria Estrela, as iniciativas de economia criativa em Cabo Verde vivem, na verdade, um bom momento. O Programa de Apoio à Estratégia Nacional de Criação de Emprego em Cabo Verde tem as indústrias criativas como um dos pólos centrais. “Por outro lado, o novo Governo criou o Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas. É o reconhecimento oficial de que a cultura, junto com a economia, cria condições de trabalho”, salienta. “Mas é preciso que estas medidas tenham infra-estruturas que dêem corpo à teoria. É necessário, também, que a própria sociedade encare a actividade artística como uma coisa séria”, salienta Maria Estrela.

A história de Nérida, de Elisa, de Joaquim, do grupo Formiguinha da Boa Morte, das mulheres de Bafatá, das gentes de Lajedos e de muitos outros estão agora a ser reunidas no “site” Futuros Criativos e serão objecto de documentários nos três países analisados. “São ferramentas de comunicação que podem contribuir, também, para a definição do programa de reforço das indústrias criativas que está a ser concebido no âmbito do programa de cooperação regional UE-PALOP”, indica Fátima Proença. “Acreditamos mesmo na economia criativa como uma verdadeira resposta.” **W**

* na Cidade da Praia, a convite da ACEP